

Cristina da Conceição Silva¹

Drº José Valter Pereira- Orientador²

AS FESTAS E O SAMBA COMO ELEMENTOS SOCIALIZADORES DOS NEGROS E BRANCOS NO RIO DE JANEIRO, PARTICULARMENTE EM MADUREIRA E OSWALDO CRUZ.

Resumo:

Esta monografia visa compreender os processos de socialização dos negros na Cidade do Rio de Janeiro, a partir dos costumes relacionados aos encontros festivos em ambientes familiares, mediados pelo samba, pela comida e pela acolhida dos sujeitos envolvidos. Muitos destes negros, oriundos de outras partes do Brasil, chegaram ao Rio de Janeiro. Com a reforma urbana da cidade alguns grupos seguem a malha ferroviária para o subúrbio (sertão carioca) esta pesquisa realizou-se com grupos que desceram em Madureira e Oswaldo Cruz. Buscou-se os quintais e as festas que ocorriam e ocorrem até hoje. Entre eles, o quintal da Dona Neném e Tia Surica que continuaram as práticas iniciadas por Dona Esther que através dos festejos de seu quintal contribui para surgimento da agremiação carnavalesco Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela.

Palavras Chaves: Samba, Negro afrocarioca, Madureira, Quintais.

Introdução:

...Eu nasci em um ambiente familiar onde todas as comemorações aconteciam na frente de casa no nosso quintal onde o samba, comida, bebida, parentes e vizinhos se faziam presentes...

...Meu gosto pelo samba foi se aprimorando ao passar dos anos à medida que fui estreitando relações com músicos como Davi Correa, Ari do cavaco e Velha Guarda da Portela este grupo apresentava uma forma muito semelhante aos entretenimentos de minha família, no que se refere aos festejos nos quintais...

¹ Formada pela Sociedade Unificada de Ensino Augusto Mota em Pedagogia e História- aluna de Pós – Graduação na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro cristinavento24@yahoo.com.br

² Professor Doutor em Educação na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro valterfile@yahoo.com.br



Com base em minha vivência resolvi investigar através do curso de pós-graduação a relação do negro na Cidade do Rio de Janeiro, com a música e a união destes com negros oriundos de outros espaços geográficos, que em função da abolição da escravatura e reforma urbana seguiram a malha ferroviária em busca de moradia para o sertão carioca, especificamente nesta investigação, os bairros de Madureira e Oswaldo Cruz. Na graduação, não tive oportunidade de trabalhar com o tema, logo esta investigação vem de encontro com meu interesse pessoal além de cooperar com a proposta da legislação vigente que ampara estudos desta natureza.

Então, este trabalho pretende articular dois grandes objetivos: o primeiro, investigar aspectos da cultura negra que dizem respeito à minha própria vida, às minhas relações sociais, familiares como parte importante da minha formação humana; depois, responder às demandas por documentos que tratem das contribuições dos negros na formação social, cultural e econômica do Brasil.

Desta forma, esperamos contribuir com os esforços empreendidos a partir da lei 10639/03 principalmente no tocante à formação de professores para atuar na sala de aula com história e práticas culturais afro-brasileiras.

Referenciais Teórico-Metodológicos

Para o desenvolvimento desta pesquisa se fez necessário a busca de uma fundamentação teórica em livros, artigos acadêmicos, internet, bibliotecas universitárias, trabalhos e artigos disponíveis em sites, além de entrevistas com donos, parentes e amigos dos quintais ligados à prática dos festejos com rodas de samba em Madureira e Oswaldo Cruz.

O primeiro momento desta pesquisa, conta com as contribuições de Karasch (2000), Florentino (2005) Aslaner (2000), vão descrever as práticas dos negros na Cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do Século XX, com relação a música e o trabalho que aconteciam concomitantemente, sendo reforçadas pelas pinturas de Debret, Benchimol e Florentino, que descrevem a comercialização dos negros nos espaços determinado para negociação na Cidade do Rio de Janeiro.

Rocha (1986) descreve os motivos para a remordenização da cidade carioca. Arantes e Velloso descrevem processo de socialização e trocas simbólicas entre negros e brancos na área urbana. Gerson, Silva e Santos descrevem características iniciais dos bairros de Madureira Oswaldo Cruz. <http://academiadosamba.com.br/memoriasan> Araújo, Costa, Silva, Santos e Vargens, descrevem a forma de convivência social

estabelecida por estes negros e da formação da agremiação Portela. É importante ressaltar que os quintais a serem investigados nesta pesquisa prioritariamente serão dos componentes do Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela.

Cruz e Boy, descrevem a formação social e cultural dos negros de Madureira especificamente Serrinha.

As entrevistas semi-estruturadas, com integrantes da Portela e com parentes e amigos dos anfitriões dos quintais que marcaram e que ainda marcam presença no cenário das rodas de samba de Oswaldo Cruz e Madureira, que são: Dona Neném filha de Dona Ana e esposa do falecido compositor Manacéia e Áurea Maria, neta de Dona Ana e filha do casal, Zilmar Mendonça Filha do ex-presidente da Portela João Calça Curta, Tia Surica Pastora da Velha Guarda Show da Portela e Irani amiga do Compositor Argemiro do Patrocínio.

As questões principais desta investigação estão relacionadas aos festejos destes quintais, de como começaram, quem participava as comemorações, as músicas, iguarias e bebidas servidas no momento dos festejos.

No momento da investigação os entrevistados iniciavam suas narrativas com um ar de saudosismo, manifestando uma oralidade contagiante, dando a impressão como se os fatos narrados tivessem acontecido em um tempo muito próximo. O sorriso dos entrevistados ao narrarem os acontecimentos dos festejos nos quintais apresentava uma satisfação contagiante.

A narrativa não carece de explicação, pois ela disponibiliza as maneiras de pensar de tais práticas, sendo seu modelo. Ou seja, ela, a narrativa, diz o que faz, encarna as formas de pensar sobre as práticas cotidianas, sendo ela mesma, já uma prática. Neste sentido, os relatos, as narrativas, as artes de dizer têm sido importantíssimos para mediar nossas relações de estudo e de pesquisa. (FILÉ, 2006, p. 27.).

Neste sentido, esta investigação se justifica não só para o interesse pelo tema da investigadora mais também para apontar para aqueles que tiverem acesso a este documento uma possível mudança nas práticas pedagógicas que visem a direção da educação inter-étnica, inter-cultural, compreendendo que isso somente pode ser possível se alimentarmos o espaço acadêmico e a sala de aula de conhecimentos que coloquem em evidência as contribuições dadas por aqueles que se encontram em desigualdade, invisibilizados.

Se o negro tem sido tratado como “coisa”, contar suas histórias e mostrar suas contribuições como sujeito imprescindível no processo de constituição cultural do Rio de Janeiro e do Brasil, nos permitirá dar sentido ao que preconiza a Lei 10639/03, a qual se dedica essa investigação

Todavia pretendo sistematizar uma investigação, que mostre a participação do negro na cultura carioca, apontando e fornecendo dados que explicitam os caminhos percorridos após abolição da escravatura, onde ele através de sua arte busca minimizar o sofrimento.

A cidade do Rio de Janeiro no século XIX, foi marcada por muitas visitas estrangeiras, a visão que estes visitantes tinham de dentro do navio ao chegar à Baía de Guanabara, era de uma cidade com casas cobertas por montanhas de telhados vermelhos e cercadas pelo mar. Uma beleza que destoava da carga humana que o navio trazia e com os negros que os serviam em sua chegada, que tinham na aparência física traços de sofrimento e maus tratos.

Ao permanecerem e se ambientarem na cidade estes turistas estrangeiros, tinham a impressão de estar em um país da África, pois por volta de meio-dia os brancos ficavam reclusos devido ao forte calor. O Rio era único não só em sua beleza natural, mas também por sua grande população africana escrava, como nos diz Karasch (2000).

A história carioca sempre nos deu a impressão de uma cidade branca com traços europeus, e trajes muito refinados dando ênfase apenas à população europeia residente e visitante da cidade. (Karasch, 2000, p. 35).

A história da população negra no Estado do Rio, não só se fez presente nas lavouras e minas, mas também nos serviços domésticos, comerciais, artesanais e até mesmo na arte musical, tais registros, foram também identificados em obras artísticas como, por exemplo: Debret que retratou o cotidiano dos negros de forma real. (KARASCH, 2000, p. 38).

Conforme descreve Karasch (2000), a cultura escrava se desenvolveu no Rio na primeira metade do século XIX, o que ele denomina como Samba e canção. A cultura escrava afro-carioca, que implica na linguagem, etiquetas, comidas, roupas, artes, recreação, religião e etc., contribuiu e continua a dar forma ao jeito carioca de ser até os dias de hoje.

No que se refere ao canto, os escravos do Rio sempre que trabalhavam seja em casas ou como carregadores e demais atividades na rua, estavam cantando em sua língua natal, quando não cantavam em grupo. Quando em grupo, tinha um que apresentava características do cantor principal, e os demais o acompanhavam, com um tipo de refrão, o que era acompanhado por palmas e algumas vezes por instrumentos.

Os carregadores juntavam-se em grupos de 06 ou 08, formando uma companhia comandada por um chefe, que levava o chocalho, e procuravam cantando disfarçar o calor e o peso da mercadoria; a música puramente africana era uma característica monótona nestes atos.

Alguns negros neste tempo faziam barba e aplicavam ventosas de chifres ao ar livre e os negros barbeiros que tinham casa aberta, davam-se à música nas horas vagas tocando rebeca e flauta. (ASLANER, 2000, p. 1).

O governo passa a perseguir atos de canto e dança dos negros sob a desculpa de manter a ordem pública. De acordo com o exposto, tal manifestação certamente deu origem à dança do carnaval carioca. (KARASCH, 2000, p. 45).

O comércio escravo e o crescimento da cidade.

Quando o comércio escravo foi declarado ilegal e caiu sob a mira dos cruzeiros ingleses, o descarregamento de escravo passa a ser na área do Valongo na Gamboa, por ser um local mais discreto, conforme os escritos de Benchimol, (1953).

A população negra do Rio na metade do século XIX cresceu muito, nela encontravam-se os negros livres e os ainda escravizados, por isso o Governo se apresentou preocupado, com a manutenção da ordem pública em uma “cidade negra”, de acordo com as ideias de Florentino (2005).

A ampliação da cidade para outros espaços geográficos, os investimentos para a construção de vias férreas, dentre elas a do subúrbio da Central, se deu por conta do crescimento desordenado da cidade. Por conta disso houve grandes investimentos, visando dá uma nova roupagem para a cidade, e assim novas edificações dão lugar as antigas construções, apresentando um modelo de cidade européia, foi o que escreveu Rocha (1986)

Tendo em vista a política de remodelização da cidade e o título de Cidade Maravilhosa a ela conferida, podemos dizer que não mais cabia neste espaço uma população compostas por pobres e ex-escravos.

O espaço no entorno da nova cidade ocupado por negros, aos poucos foi recebendo outras etnias. O ganha-pão desta população passa a ser o trabalho do Cais do Porto e daí a força da socialização entre os negros foi marcante e com o tempo suas maneiras, gostos, e etc., adquirem ações e novos significados através do contato com outros sujeitos.

Os aspectos culturais negros na área urbana do Rio de Janeiro eram perseguidos, seja na capoeira ou nos espaços denominados “zungus” ou “angus” (local de batuques, moradia e feitiçaria) onde negros, mestiços e estrangeiros se encontravam. Foram importantes para a sobrevivência cultural e religiosa de origem africana, além de diferentes espaços como trens, botequins, casa de santo e carnaval, assim como diz Aslener (2000).

Alguns espaços de rede de solidariedade eram reconhecidos pelo branco que é o caso de Tia Ciata, que curou a perna do Presidente Venceslau Brás com ervas e reza;

garantias estas que tinha a casa de santo de Cipriano Abedé, que foi procurado pelo Senador Irineu Machado para garantir sua eleição. João da Baiana, que era Ogã e cabo eleitoral político no movimento da cais do Porto, foi preso por vadiagem e teve seu pandeiro furado. O Senador Pinheiro Machado lhe deu outro pandeiro e autografou o instrumento, para que não fosse mais incomodado e assim se davam os movimentos de relacionamento entre brancos e negros, como escreve Arantes (2005).

A música, o samba e o candomblé começam a exercer um fascínio entre a alta sociedade; os códigos culturais começam a se entrecruzar e geralmente onde isso acontecia, era na casa das tias. Através do samba, do carnaval, da culinária e da cultura o negro foi ganhando espaço na sociedade, como diz Velloso (1985).

A formação social cultural do sertão carioca Oswaldo Cruz e Madureira.

Na área geográfica onde ficam localizados os bairros de Madureira e Oswaldo Cruz, no início do século XX, os engenhos entraram em decadência, e assim muitos afro-brasileiros seguem a via – férrea em busca de moradia e por lá implantam suas culturas contribuindo assim para o sucesso do samba carioca.

Oswaldo Cruz, não surgiu com característica de um bairro, e sim como desenvolvimento natural de uma grande rua, que se chamava Rio das Pedras que recebeu o nome de Oswaldo Cruz, em homenagem ao médico sanitarista, por ser uma área muito utilizada para passagem de boiadeiros e outras pessoas, começou a tomar fôruns de bairro.

No início do século XX a economia das áreas, entra em declínio e o advento da estrada de ferro trouxe para a região pessoas de baixa renda, sobretudo negros, que foram ocupando as terras dos antigos engenhos, como explicita Gerson (1965).

Estes negros fugidos e perseguidos vieram para estes bairros com sua música, sua dança, sua religião e um jeito diferente de enfrentar a dor, através da arte, para a “roça” ou Sertão Carioca, negros estes muitos vindos de Minas Gerais e do Estado do Rio. ([http:// academiadosamba.com.br/memoriasam](http://academiadosamba.com.br/memoriasam)).

No que diz respeito à chamada contribuição africana à cultura brasileira, temos que levar em conta o fato de que ela foi considerada como tal, depois da Abolição da Escravatura e a partir de trabalhos publicados por Nina Rodrigues, Arthur Ramos e Gilberto Freyre (Costa, 2000).

As carências desta população eram minimizadas pelas boas relações entre os que ali viviam, onde formavam uma imensa família em formas diversas de participações e de convivência, e assim a vida social dos grupos passa a ser marcada por festas religiosas, batucadas e o jongo, este último encontrou nos bairros de Madureira e

Oswaldo Cruz, um espaço ideal para a difusão por ser a área de campo e longe da cidade propiciava a prática do mesmo. (<http://academiadosamba.com.br/memoriasam>).

De acordo com Silva e Santos (1989), algumas residências tornam-se pontos de encontros, seja por motivos artísticos ou religiosos, associando o religioso e o profano, mantendo a forma, o estilo de seus descendentes africanos, que jamais conseguiram dissociar a exteriorização de crença das manifestações de alegria.

Muito importante para a população de Oswaldo Cruz, foi à chegada de uma senhora com nome de Esther uma bela mulher de cor branca, casada com um homem negro de nome Euzébio. Eles eram muito festeiros e já estavam acostumados a promover brincadeiras de carnaval. Logo, o quintal desta senhora passa a ser um espaço de convivência social do bairro, e por lá passam grandes músicos e provavelmente surgem grandes composições tendo em vista os ilustres frequentadores como, Donga, Pixinguinha, Roberto Silva e outros, como Candeia, Jair do Cavaquinho, que tiveram seus primeiros contatos musicais neste espaço situado na geografia que compreende o subúrbio carioca. (<http://academiadosamba.com.br/memoriasam>).

Nos fundos do quintal de Dona Esther havia uma palhoça coberta de sapê onde aconteciam as reuniões com danças e cantos, e neste espaço homens e mulheres se organizavam de lados diferentes para darem início à roda de samba. Assim com fala Silva e Santos (1989).

Dona Esther, também criou no bairro o bloco de Crianças “Quem fala de Nós Come Mosca”, e no mesmo período, Antonio Rufino, Paulo Benjamin de Oliveira, que vem futuramente a ser conhecido como Paulo da Portela, fundaram as Baianinhas de Oswaldo Cruz.

O Bloco Baianinhas de Oswaldo Cruz, não tinha licença para desfilar no centro da cidade durante a noite, Dona Esther emprestava a licença do Come Mosca para que o Bloco Baianinha desfilasse.

Em 1926 “O Baianinha” é destituído e num belo dia, no quintal de seu Napoleão, pai de Natalino José do Nascimento, que no futuro vem ser conhecido com o codinome Natal da Portela. Sob a sombra de uma mangueira foi fundado o bloco carnavalesco “Conjunto de Oswaldo Cruz”, que tinha como cabeças Paulo Benjamin de Oliveira (o Paulo da Portela), Antonio Caetano e Antonio Rufino.

Em 20 de janeiro de 1929, dia de Oxossi, Heitor dos Prazeres confere ao bloco o nome de “Quem nos Faz é o Capricho” e em 1930 Manuel Bam, Bam, Bam assume o controle e denomina o bloco de “Vai Como Pode”. Somente em 1935, o já consagrado

bairro de Oswaldo Cruz, conhecido como reduto do samba, se consagra com a fundação do Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela. Araújo (1991).

No ano de 1972, a Portela se muda para o bairro de Madureira, na gestão do Presidente Carlos Teixeira Martins, cujo, o codinome é Carlinhos Maracanã, tendo no momento como finalidade construir uma quadra ampla, dando assim conforto aos frequentadores.

... No teu livro tem
Muitas páginas belas
Se eu for falar
Na Portela
Hoje eu não vou terminar...

Autor – Monarco.

Madureira era uma terra coberta por lavouras, o nome do bairro é uma homenagem a um senhor de nome Lourenço Madureira; a área era composta por vários engenhos dentre eles, tem destaque o Engenho do Portela, que mantinha a região com uma boa economia, devido a sua grande extensão, que hoje iria dos bairros de Campinho até Oswaldo Cruz e pela força de trabalho escravo (Gerson, 1965).

Nos fundos de uma chácara na Serra da Misericórdia os primeiros ocupantes fincaram suas tendas e começaram a lotear terrenos e a construir suas casas de estuque, sapê e zinco. Este grupo era formado por trabalhadores expulsos dos morros de Santo Antonio, Favela (hoje Providência), Castelo e São Carlos, constituído não só por negros familiares de ex-escravos, mas também por imigrantes italianos e negros vindos das fazendas do Vale do Paraíba, onde existiam fazendas de café, e estes trouxeram para o bairro o jongo.

Madureira, por se desprovida de infra-estrutura, obrigava seus moradores a buscar empregos longe de suas residências. Muitos homens negros ligados ao samba, ao jongo e à umbanda iam para o Cais do Porto, em busca do ganha-pão, que era um dos poucos mercados de trabalho que absorvia os negros.

A forma de divertimento destes moradores eram os blocos carnavalescos, os pagodes, grupo de pastorinhas, a ladainha e o jongo. Os moradores construíam seu lazer em sua própria comunidade. O samba se constituiu como uma instituição forte e agregadora dentro da comunidade, que fez com que esta área, aparecesse com força em cenário político foi à formação sindical destes negros no Cais do Porto.

Esta força negra que também promovia eventos comunitários fez com que seus festejos tomassem visibilidade no cenário carioca, atraindo para o bairro visitante intelectuais, políticos e artistas do outro lado da cidade, para suas rodas de samba, jongo e umbanda como descreve Dyonne Boy (2006).

Os quintais

Este capítulo apresenta o estudo das entrevistas nos quintais de Oswaldo Cruz e Madureira, bairros localizados na zona Norte da Cidade.

Entrevistamos Zilmar Mendonça, 73 anos, enfermeira aposentada filha de João Calça Curta ex-presidente da Portela, desfilante do grupo da Velha Guarda Show representante da família portelense, também detentora do título a mais elegante do samba, representando o Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela, Dona Neném (Iolanda de Almeida Andrade – esposa do compositor Manacéia) Dona de Casa, 85 anos, desfilante do grupo da Velha Guarda Show, em representação a família Portelense, e Áurea Maria de Almeida Andrade – Assistente Social, 57 anos, Pastora da Velha Guarda Show da Portela (filha do compositor Manacéia). Tia Surica (Iranette Ferreira Barcellos, cantora, 69 anos, e pastora da Velha Guarda Show da Portela, Irani Belmiro da Cunha, 67 anos, Auxiliar de laboratório aposentada, amiga de Argemiro do Patrocínio compositor da Portela.

De acordo com Vargens e Monte os quintais de Oswaldo Cruz, não têm a mesma conotação dos dicionários, mas sim, um espaço de reunião social para as tarefas do dia-a-dia como também para momentos lúdicos.

Estes quintais não necessariamente se localizam atrás das casas são extensão das residências às vezes de frente às vezes ao lado neste mesmo espaço se lava roupa, serve se almoço, se janta, joga-se bola e canta se samba.

Com a gravação do primeiro disco da Velha Guarda da Portela, os componentes passam a ensaiarem no quintal do compositor Manacéia. Além dos componentes outras pessoas participavam destes ensaios como, amigos íntimos e vizinhos que ficavam expiando por cima do muro, o encontro, era acompanhado de galinha com quiabo feita por Dona Neném.

O samba geralmente começava após uma partida de sueca e não tinha hora de acabar, também era servida uma sopa de legumes e de ervilha para dar energia, como fale Monte e Vargens (2000).

A casa de João Calça Curta, era conhecida por promover rodas de partido-alto acompanhado de uma peixada as quartas feiras de cinza, assim como nos descreve Vargens (2008).

Nos anos 60 e 70, o carnaval dos Portelenses se prolongava ate a quarta – feira de cinzas com muito samba e crônica dos dias de Momo, peixes e crustáceos à vontade.

A peixada de João era uma coisa de louco. Surgia como uma benção dos deuses suburbanos, embora nem todos tivessem o privilégio de participar. (João Baptista.M.Vargens - crônica do jornal Bafafá).

No quintal de Argemiro compositor da Portela e componente da Velha Guarda que morava em vila em Oswaldo Cruz, nas quartas-feiras, após a feira que acontecia no local, passa acontecer o ensaio do grupo da Velha Guarda Show. Nos dias de ensaio degustava se corvina frita e ensopada, muita cerveja e cana, neste local encontrava se a presença de cantores e compositores como Zeca Pagodinho e Martinho da Vila e os vizinhos nem se incomodavam com a roda de samba em virtude da presença de visitantes tão ilustres.

O quintal de Tia Surica, como o de Argemiro fica em uma Vila, e também reúne mestres do samba no momento os ensaios ocorrem de acordo com a necessidade do grupo.

O cafofo da Surica como é chamado tornou se público através de um samba gravado por Tereza Cristina. (Monte e Vargens. 2000).

As entrevistas

Dona Neném e Áurea Maria (pastora da Velha Guarda) Filha do compositor Manacéia.

Lincoln irmão de Dona Neném ganhou um violão de sua mãe, e que ao começar trabalhar na cidade e se envolve com um grupo de músicos e compositores que faziam ponto em frente ao edifício Darc na Cinelândia, e assim alguns colegas começaram a freqüentar a sua casa, dentre eles, Aniceto irmão de Manacéia e lá tocavam clarinete, flauta, trombone, violão e cavaquinho. Dona Neném relata que certa vez Paulinho da viola disse a ela que foi criado ao som do chorinho e ela respondeu a ele. “Você não esta me dizendo nada porque eu também fui criada ao som do chorinho”. De acordo com seu relato ocorreram neste quintal muitas festas, que naquele período sua mãe, Dona Ana, assava leitão e fazia várias iguarias e não deixava ninguém sair de lá sem antes comer.

Ela relatou que, já casada com Manacéia certa vez no aniversário dele alguém propôs convidar o Paulinho da Viola, ele achou que Paulinho não fosse, mais que para surpresa dele Paulinho da Viola compareceu, e que encostou no alisar com um pé na porta e começou a tocar viola e interagir com os demais músicos, a vizinha trouxe vatapá e pastéis para Paulinho comer, pois, ele não come carne e assim a roda foi até

altas horas. Para surpresa de Dona Neném Paulinho aparece no próximo domingo em sua casa, propondo uma filmagem no seu quintal com roda de samba e estendeu a filmagem para o quintal de Candeia.

Áurea comenta que, tudo que seu pai, tios e amigos promoviam no seu quintal tinha uma visão inocente e que estas reuniões tinham um único objetivo, que era o divertimento para todos os envolvidos. À medida que outras pessoas e outros olhares percebem a importância deste movimento, e que os nomes da música passam a frequentar esses espaços, passam a ser reconhecidos, e com isso chega a imprensa e produções. Os festejos no quintal de Oswaldo Cruz de dona Neném e Áurea acontecem até hoje, inclusive será montado no espaço, o Instituto Cultural Compositor Manacéia, com o apoio da Prefeitura Municipal da Cidade do Rio de Janeiro.

Em entrevista com Zilmar Mendonça, Filha de João Calça Curta, ex-presidente da Portela, explica que seu pai era ladrilheiro e que a calça cumprida incomodava, quando se agachava, logo ele pediu a sua esposa que cortasse suas calças de trabalho abaixo do joelho para facilitar seus movimentos, daí um comerciante português de nome Almeida começa a chamá-lo de João Calça Curta.

Zilmar explica que, comer peixe nas quartas feiras de cinza era um hábito de seu pai, por ser o início da quaresma, um belo dia, Armando Santos que também foi presidente da Portela, perguntou ao seu João se podia levar um rapaz italiano que estava muito sozinho aqui no Brasil na peixada, ele concordou, este rapaz, era o Lan, hoje um famoso cartunista, porém seu Armando não levou só o italiano, levou familiares que pertenciam ao Império Serrano. Segundo Zilmar, a peixada começou em 1954 e terminou em 1970 com o consumo de 120 quilogramas de peixe, que seu João comprava sozinho, pois não aceitava que ninguém ajudasse. De acordo com seu relato, por lá passaram grandes sambistas como: Jair do cavaquinho, João da Pecadora, Casquinha, Monarco e outros mais além de formadores de opinião como; Aroldo Costa e Sérgio Cabral (pai) e artistas de Novela como: Cléa Simões e Léa Garcia, e que este festejo atraiu a Revista Fatos e Fotos e Jornal O Globo, em virtude dos frequentadores e da repercussão que alcançou no mundo do samba. Hoje neste quintal de Oswaldo Cruz, moram sua filha do meio e sua irmã viúva, e não mais tem festejos como na época de seu pai.

Entrevista com Surica Pastora da Velha Guarda Show da Portela.

Surica relata que os festejos no quintal da Vila em Madureira onde mora começou na comemoração dos seus 50 anos, e a partir dali, o Tetéu e Manoel Alves,

ambos produtores da Rede Globo de Televisão, começaram a fazer algumas matérias de samba na vila e davam material para ela fazer a comida e compravam a cerveja, e assim outras emissoras também fizeram algumas reportagens na Vila como: SBT e CNT. E que a partir daí algumas audições de CDS aconteceram, que foi a do Marquinhos de Oswaldo Cruz, Ernesto Pires e o Tudo Azul da Velha Guarda da Portela. Porém os movimentos continuam dia 1º de janeiro a cerca de 10 anos todos se encontram no quintal para comer, beber, ouvir samba, falar de carnaval, além da apuração dos desfiles, que também reúne um grupo grande de sambistas para assistirem na TV as notas dadas pelos jurados e tudo isso regado a cerveja e comida.

Surica descreve quantos artistas e políticos passaram por lá e que inclusive um dos aniversários de Marisa Monte foi festejado em seu quintal regado à cerveja e galinha com macarrão e que neste dia estiveram presentes Alcione a Marrom, Miúcha e Carlinhos Brown. “Eu gosto de receber e promover estas festas eu quero manter a chama do samba acesa”.

Entrevista com Irani integrante da Portela amiga de Argemiro

Irani contou que Monarco, Argemiro e Alberto Lonato na década de 80 começaram a fazer uma comida as quartas feiras, e que faziam um peixe e lá cantavam e tocavam um pagode. Ela comenta: “Ai não tinha mulher para fazer a comida e daí eles chamam a gente e vai Surica, Doca, Eu e Eunice e nessa época Eunice tomava uma cerveja redondinha!”.

Segundo Irani, eles inventaram de fazer o peixe toda quarta, era frito, era cozido, às vezes faziam uma carne seca com abobora e para tira gosto, jiló e quiabo e no final ele exigia que lavasse a louça.

De acordo com Irani, nos festejos do quintal de Argemiro, Zeca Pagodinho tinha cadeira na roda de samba, contava também com as presenças de Marquinho Diniz, Cristina Buarque de Holanda e Paulão 07 Cordas, e que uma vez Martinho da Vila apareceu por lá para prestigiar os encontros no quintal de Argemiro, no bairro de Oswaldo Cruz.

Então, como coloca Valter Filé nas conversas de orientação:

As referências das contribuições do negro no espaço acadêmico, estão na maioria das vezes, limitadas às expressões culturais - o canto, a dança, etc. Mas, aquilo que encontramos em pesquisas como a dos quintais de Madureira e Oswaldo Cruz, a convivência das rodas de samba nos sugerem outros tipos de contribuições, para as reflexões acadêmicas, para pensarmos as praticas pedagógicas e as relações dos seres humanos. (FILÉ, 2006, p. 27)

Estas contribuições podem ser percebidas na criação de processos de sociabilidade para as relações inter-raciais, no sentido que estas festas representam esforços - materiais e simbólicos na preparação da cidade para uma convivência intercultural, inter-racial, preparar a cidade e não apenas os não civilizados, os negros e os outros.

Os relatos sobre os quintais nos faz pensar naquilo que tem sido hoje, no mundo um dos grandes desafios a convívios as pessoas relatadas neste documento, nos oferece sofisticados tratados de como lidar com o outro.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Érica Bastos. “O Porto negro: Cultura e Trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX”. Dissertação de Mestrado - Departamento de História do Instituto de filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de campinas. Campinas, 2005.

ASLANER, Eminie Nike. “Herança francesa: Missão Artística francesa”. http://www.marc.apoio.com.br/documentos/herana_francesa.doc acesso em 10 de novembro de 2009, às 21:32h.

ARAÚJO, Hiram. “Memória do Carnaval”. Empresa de Turismo do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1991.

BENCHIMOL, Jaime Larry. “Pereira Passos – Um Hausmann Tropical”. Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro – Secretaria de Cultura. Rio de Janeiro, 1953.

BOY, Dyonne Chaves. “A Construção do centro de Memória da Serrinha”. Tese de Mestrado; Fundação Getúlio Vargas; Centro de pesquisa e documentação de História Contemporânea – CPDOC. Rio de Janeiro, 2006.

COSTA, Haroldo. “Na Cadência do Samba”. Dossiê do samba. Rio de Janeiro, 2000. www.cnfcp.gov.br/pdf/patrimonio_material/...Dossie_samba_RJ.pdf.

FILÉ, Valter. “O que espanta miséria é festa – Puxando conversa”. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, 2006.

FLORENTINO, Manolo Garcia. “Tráfico, Cativo e Liberdade - Rio de Janeiro, Século XVIII-XIX”. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2005.

FLORENTINO, Manolo Garcia. “Em costas negras”. Cia. das Letras. São Paulo, 1993.

GERSON, Brasil. “As Histórias das Ruas do Rio”. Livraria Brasileira. Rio de Janeiro, 1965.

KARASCH, Mary C. “A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808 – 1850”. Cia. Das Letras. Rio de Janeiro, 2000.

LIMA, Augusto C. Gonçalves. “Escola Dá Samba?”. Dissertação de Mestrado, PUC- RIO. 2001. <http://academiadosamba.com.br/memoriasam> acesso dezembro de 2008.

ROCHA, Porto. “A era das Demolições”. Prefeitura Municipal do rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1986.

SILVA, Marília Barbosa; SANTOS, Lygia. “Paulo da Portela – Traço de União entre Duas Culturas”. FUNARTE. Rio de Janeiro, 1986.